

SANTOS, A. T. (2008). O Sabugal no contexto da Pré-história da Beira Interior. *Museu do Sabugal. Colecção Arqueológica*, 11-25.

O SABUGAL NO CONTEXTO DA PRÉ-HISTÓRIA DA BEIRA INTERIOR

André Tomás Santos

Parque Arqueológico do Vale do Côa

Introdução

Os vestígios humanos mais antigos que se encontram na região do Sabugal correspondem aos monumentos megalíticos, dos quais nos resta o exemplar de Sacaparte. Este tipo de sítios que, de acordo com os trabalhos desenvolvidos noutras áreas da Beira Alta, terão sido construídos no IV milénio a.C., com especial incidência na sua primeira metade (Cruz, 1995), deverão ser encarados não como a evidência de que os primeiros habitantes da zona terão chegado por esta altura, mas tão somente como os primeiros vestígios visíveis da presença humana no concelho.

Na verdade, os trabalhos de investigação nas regiões limítrofes levam-nos a encarar seriamente a hipótese de que o Homem terá percorrido estas paragens em períodos anteriores. Deste modo, a nossa narrativa em torno da Pré-história Sabugalense arrancará em tempos prévios aos que viram aparecer os primeiros vestígios actualmente conhecidos da ocupação humana da região.

Paleolítico

Falar do concelho do Sabugal implica falar do principal curso de água que nele nasce e o atravessa: o rio Côa. Por sua vez, ao trazermos à liça tal hidrónimo invariavelmente nos atravessa o espírito a lembrança da arte rupestre paleolítica que pontua as suas margens nos

cerca de 20 km finais do seu curso e os sítios de *habitat* a ela associados (v. g. Baptista e Gomes, 1997; Zilhão (dir.), 1997; Baptista, 1999). Ora, a primeira pergunta pertinente para a região que agora nos ocupa é a que se interroga sobre as razões que levam a que tal tipo de vestígios só se conheçam naquele troço terminal e não se prolonguem para montante. Procuremos primeiro uma(s) resposta(s) que atenda(m) à arte e seguidamente debruçar-nos-emos sobre os sítios de *habitat* coevos. Assim, relativamente àquela, uma boa parte da explicação da ausência de conjuntos figurativos paleolíticos no curso inferior do Côa prender-se-á seguramente com questões geológicas e geomorfológicas. Isto é, a maior parte das grafias pleistocénicas conhecidas no Baixo Côa foram executadas sobre uma fácies de xisto bastante resistente: a formação da Desejosa; as excepções a esta regra encontram-se nos sítios da Penascosa, Quinta da Barca (cujas gravuras foram executadas sobre a formação xistosa de Pinhão, mas já muito perto da formação da Desejosa) e Faia (onde se conhecem dois painéis de natureza granítica). Por outro lado, a forma como afloram as rochas e o próprio contexto local do seu aparecimento podem ter condicionado de sobremaneira a sua conservação. A título de exemplo, lembremos as já referidas rochas da Faia que, pese o facto de corresponderem a granitos e portanto serem muito menos resistentes à erosão, chegaram até nós por se encontrarem sob abrigos

(num caso sob uma pala, no outro sob um imenso bloco).

Para além das condições excepcionais que permitiram a sobrevivência das gravuras naquele troço do Côa, há ainda que contar com o factor cultural. Na verdade, temos hoje razões para crer que a arte paleolítica de ar livre não corresponde a uma mera acumulação de animais efectuada sobre rochas ao acaso. Tal como há muito se percebeu no caso das grutas (onde esta manifestação artística é, pelo menos a que a nós chegou, mais usual), a arte de ar livre obedece também a uma estruturação que implicaria regras e escolhas criteriosas quanto aos animais a gravar e aos sítios onde se gravava (v. g. Leroi-Gourhan, Deluc e Deluc, 1995 para o caso das grutas; Baptista, Santos e Correia, 2006 para o caso do Côa). Ora, sendo assim não espanta que os sítios onde se conhecem grandes concentrações de arte ao ar livre seriam eles próprios “escolhidos a dedo”. No caso do Baixo Côa, várias explicações de diferente índole são passíveis de serem tidas em conta na altura de procurar as razões que levaram à escolha deste troço do vale para nele se criar um santuário há cerca de 25 000 anos atrás. Uma delas poderá ter que ver, como já apontou João Zilhão (1997: 20-21), com a abundância de água numa altura que, pese ter sido mais fria, seria também mais seca¹. Outra, teria que ver com a própria orografia daquela parte do vale que terá jogado seguramente um importante papel no discurso que as gravuras ajudavam a consolidar (ou seja, o “santuário” não seria apenas composto pelas gravuras mas também pelas diversas unidades geomorfológicas que se vão encontrando pelo vale: terraços, ribeiras, relevos imponentes, etc.). Finalmente, será ainda de ter em conta a própria localização do vale, junto ao Douro e nos limites da Meseta. Este factor que implica o encontro de diferentes realidades geográficas num mesmo ponto pode ter potenciado o local enquanto lugar de agregação de diferentes comunidades coevas², situação essa que os

factores anteriores, por si só, já favoreciam.

Em abono desta hipótese do Côa enquanto lugar de agregação devemos ter em conta o estudo das fontes de matéria-prima exumadas no sítios escavados no vale do Côa. Na verdade, conhecem-se peças executadas sobre matéria-prima oriunda de diferentes pontos da Península, nomeadamente da Meseta, do vale do Tejo ou do Baixo Mondego (Aubry *et alii*, 2004: 48, fig. 6). Se a presença de matérias-primas alógenas por si só não nos permite inferir se estas chegaram ao vale do Côa por intermédio de grupos que não residiriam aí, a análise conjugada de vários factores permite-nos pensar que efectivamente existiriam grupos que aqui se deslocariam sazonalmente.

O Baixo Côa reúne portanto uma série de condições, nomeadamente de ordem geomorfológica, que o Alto Côa não apresenta. Não quer isto dizer que em tempos futuros não se venha a encontrar uma ou outra rocha paleolítica no concelho. Na verdade, a arte de ar livre pleistocénica não se manifesta somente mediante grandes concentrações de rochas. Painéis isolados ou em pequeno número são passíveis de existir. Para não sairmos da Beira, podemos dar como exemplos os casos do Poço do Caldeirão (Barroca, Fundão) (Baptista, 2004) e Ocreza (Evidos, Mação) (Baptista, 2001b). Mesmo o já referido sítio da Faia, no Côa, está muito distanciado do núcleo de gravuras imediatamente a jusante, razão pela qual tem vindo a ser encarado como mais um sítio do tipo destes últimos e não tanto como integrante do santuário (Baptista e Garcia, 2002: 187; Baptista, Santos e Correia, 2006: 175, nota 23). Ora, estes sítios e outros a que não nos referimos, para além de se encontrarem todos nas margens de rios não apresentam características orográficas e geológicas semelhantes entre si. No fundo, o que aqui é de relevar é que se existem razões para acreditarmos que uma concentração de arte rupestre como a presente no Baixo Côa dificilmente seria identificada aqui, não será de colocar de parte a hipótese de se virem a encontrar rochas isoladas no Sabugal, porquanto estas aparecem em contextos bastante diversos.

Discutamos agora as razões que poderão estar por trás do contraste numérico que se verifica entre o inventário de cerca de 30 estações de cronologia finipaleolítica no Baixo Côa (Aubry *et alii*, 2002: 69) e a não representatividade no concelho do Sabugal. Quanto a nós, esse contraste deve explicar-se por duas razões fundamentais, a saber – os condicionalismos pós-deposicionais e as matérias-primas

¹ Fruto da última glaciação que atingiu o hemisfério Norte: a glaciação de Würm. O final desta, há cerca de 10 000 anos atrás marcou a passagem do Pleistoceno para o Holoceno, do Paleolítico para o Mesolítico.

² A ética e a amizade levam-nos aqui a referir o investigador Luis Luis que de há uns anos a esta parte tem valorizado este aspecto de fronteira enquanto factor que poderá ter levado a que o Vale do Côa possa ter funcionado como centro gerenciador de conflitos e de negociações de poder entre os diversos *populi* que na Idade do Ferro aqui encontravam os seus limites. Um texto seu em que aprofunda o que aqui, por força das circunstâncias, não pode ser aprofundado, encontra-se actualmente no prelo. Destas suas reflexões e de outros aspectos que referiremos adiante, têm surgido interessantes debates nas noites cálidas de V. N. De Foz Côa, de que o período originador desta nota é simples eco.

sobre as quais se talharam as peças encontradas na região. Em relação ao primeiro aspecto, há que ter em conta que esses sítios só se encontram em locais onde foi possível uma sedimentação que os fossilizasse. Não é de estranhar que uma parte importante destes sítios tenha sido identificada não porque se tivessem encontrado peças à superfície, mas porque se sondaram locais cujas condições de sedimentação poderiam ter conservado vestígios pleistocénicos. Entre estes, destaquemos o importante sítio do Fariseu (v. g. Aubry, 2001; Baptista, 2001a). Em relação às matérias-primas deve ter-se em conta que na manufactura das peças foram utilizados sobretudo materiais de origem local (destacando-se o quartzo e o quartzito) (Aubry *et alii*, 2004: 42), cujos vestígios de talhe são mais difíceis de detectar. Deste modo, dificilmente se encontrará alguma estação coeva no Sabugal se não no âmbito de um projecto direccionado para a problemática e levado a cabo por uma equipa de especialistas que consigam reconhecer vestígios de talhe em rochas onde seja mais problemático esse reconhecimento.

Para que se possam avaliar convenientemente as profundas transformações que se vão verificar após o fim do Paleolítico, será de toda a conveniência gastar algumas linhas e traçar um retrato aproximado do que seria a vida destas populações. Certamente organizar-se-iam em pequenas comunidades sustentadas pela caça e recolção. Seriam nómadas, explorando territórios que, pelos estudos efectuados ao nível das matérias-primas no Baixo Côa, poderiam ir até aos 50 km de raio (Aubry *et alii*, 2004: 48-49). Contactos (directos ou indirectos) de maior distância estão atestados pela origem de algumas matérias-primas utilizadas, assunto já referido acima. Ao nível da tecnologia lítica apenas conheciam o talhe. Por paralelos com outras regiões, é de admitir que também no Côa se manipulasse também a madeira, o osso e as hastes de animais. A arte desempenharia certamente um importante papel social (Baptista, Santos e Correia, 2006). Esta caracteriza-se pelo seu elevado grau de naturalismo. Seriam representados sobretudo animais, nomeadamente os grandes herbívoros (cavalos, auroques, cabras e veados) mas também outros menos expressivos estatisticamente (peixes, camurças, mustelídeos, aves, etc.) e mesmo o próprio Homem (este, sempre de forma esquemática, oferecendo um franco contraste com os motivos animais). Outro conjunto de motivos bastante relevante é aquele constituído por figuras que não têm nenhum referente

real. Por esta razão, às figurações que compõem este grupo se convencionou chamar “signos”.

Posto isto, vejamos que alterações na vida destas comunidades se verificaram na grande transformação climática que foi a passagem do período Pleistocénico para o Holocénico.

Mesolítico e Neolítico Antigo

Com o fim da glaciação de Würm, há cerca de 10 000 anos o clima tornou-se mais temperado o que terá tido certamente implicações nos ecossistemas locais. O Homem foi forçado a adaptar-se às novas condições que se lhe deparavam. A denominação Mesolítico corresponde *grosso modo* a este período de adaptação. Se bem que nesta altura, as estratégias de sustentabilidade das comunidades humanas passassem ainda pela caça e recolção, as espécies caçadas e recolhidas não seriam certamente as mesmas. Por esta altura, os grandes herbívoros não seriam já certamente a base da sua alimentação proteica. Refira-se aliás, que nos níveis finipaleolíticos do Fariseu, a espécie mais representada entre o espólio osteológico ali exumado era já o coelho (Aubry, Luís e Sampaio, 2007: 51). Ora, ao nível tecnológico uma das grandes repercussões que a captura destas novas espécies provocou foi a generalização das pequenas peças líticas (micrólitos) utilizadas no fabrico de peças compósitas mais aptas à caça destes pequenos animais. Ao nível das estratégias de povoamento, continuou-se a praticar o nomadismo. Contudo, é provável que os territórios explorados não fossem já tão amplos como anteriormente. Na verdade, as modificações climáticas levaram a que diferentes ecossistemas coexistissem a pequenas distâncias uns dos outros, permitindo a sua exploração “simultânea”. Este é um aspecto que poderá ajudar a explicar o porquê da ocupação mesolítica da estação do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa), ocupação essa atestada pelo espólio lítico e por datações radiocarbónicas (Monteiro-Rodrigues, 2000; 2002). Na verdade, este sítio localiza-se numa chã de uma encosta a partir de onde facilmente se acede a uma variedade de ambientes (de planalto, ribeirinhos, de meia-encosta). Corresponde esta estação ao único sítio mesolítico actualmente conhecido no interior centro/norte português. Para além destes vestígios materiais, podemos ainda referir algumas gravuras do Côa que poderão ser coevas, nomeadamente a rocha 1 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999:

138-139). Já no limite sul das Beiras no Vale do Tejo foram algumas gravuras datadas do mesmo período, destacando-se entre estas as que integram a fase I da rocha F-155 (Baptista, 1981: 33-36).

Na estação do Prazo referida acima aparece em nível com datas a partir de meados do VI milénio a.C (Monteiro-Rodrigues, 2002, 114) algo que de tão usual hoje em dia não nos apercebemos da sua importância em termos históricos. Referimo-nos à cerâmica. Este tipo de material e outras novidades tecnológicas tais como o polimento da pedra, a prática da agricultura e da criação de gado são as grandes inovações que tradicionalmente definem o período Neolítico na sua fase inicial. Outra importante alteração de âmbito sócio-económico que definiria o Neolítico seria a sedentarização das comunidades. Se nas duas sentenças anteriores utilizámos respectivamente o advérbio de modo “tradicionalmente” e a forma condicional do verbo definir, tal não se deveu ao acaso mas a uma forma de introduzir uma problemática que a região da Beira pode ilustrar bem e para a qual pode contribuir. Na verdade, hoje em dia os investigadores dividem-se quanto à definição do que é o Neolítico e à forma como as novidades que lhe dão corpo chegaram à Península e por ela se disseminaram. Uma das teses explicativas assume que todas as novidades de que falámos atrás chegaram em bloco trazidas por colonizadores que vinham do Mediterrâneo e que se teriam instalado em vários pontos do litoral peninsular. Um bom “marcador” desses grupos seria um tipo de cerâmica decorada com impressões da concha do *cardium* (e que por isso se denomina *cardial*). Gradualmente teriam substituído os grupos mesolíticos prévios e posteriormente (quando a cerâmica *cardial* já tinha caído em desuso), por pressão ambiental, ter-se-iam deslocado para o interior (que se encontraria desocupado ou era explorado por grupos mesolíticos que mais uma vez seriam substituídos por estas comunidades). Entre os investigadores que defendem esta tese, com raízes profundas na historiografia arqueológica, encontramos João Zilhão (v. g. 1998) ou António Faustino de Carvalho (2003a). No extremo oposto do espectro epistemológico encontram-se investigadores como Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (v. g. 2003), Susana Oliveira Jorge (1999: 28-47) ou Sérgio Monteiro-Rodrigues (2000; 2002). Estes autores admitem por um lado que as novidades de que temos vindo a falar podem ter vários focos de origem na Península

(dispensando-se por isso o recurso aos colonizadores), e por outro que essas novidades possam ter-se disseminado selectivamente³. Ou seja, determinada comunidade podia ter adoptado a cerâmica mas não a agricultura.

Voltemos para a Beira e, para já tornemos a debruçar-nos sobre o Prazo. Aqui, a haver substituição de uma comunidade mesolítica por uma Neolítica isso ter-se-ia verificado no registo arqueológico. Ora, de facto, verifica-se aí um intervalo nas datas de ¹⁴C entre a mais recente mesolítica e a mais antiga Neolítica (Monteiro-Rodrigues e Angellucci, 2004: 52). Contudo, ao nível da indústria lítica denota-se uma flagrante continuidade (*idem, ibidem*: 58). Deste modo, o sítio não é ainda suficiente para gerar consensos. Na verdade, António Faustino de Carvalho valoriza o intervalo e diz que a continuidade denotada ao nível dos líticos se deve aos condicionalismos da matéria-prima. Sérgio Monteiro-Rodrigues valoriza esta continuidade (Monteiro-Rodrigues, 2003: 121-123) e com Diego Angelucci explicam o intervalo com um hiato na sedimentação do sítio que não terá permitido a conservação da ocupação daquele preciso momento (Monteiro-Rodrigues e Angelucci, 2004).

Olhemos agora para os restantes sítios do Neolítico Antigo da Beira. Em Vila Nova de Foz Côa, para além do Prazo, conhece-se ainda a Quinta da Torrinha (Carvalho, 1999: 54-60). Em S. João da Pesqueira, é dada como tal uma ocupação da Fraga Daia⁴ (Jorge *et alii*, 1988a; Jorge *et alii*, 1988b; Jorge, 1991). No Baixo Mondego conhecem-se como tal os sítios de Carriceiras (Senna-Martínez e Estevinha, 1994), Quinta do Soito (Valera, 2000a), Penedo da Penha e Buraco da Moura de S. Romão (Valera, 1998: 136-139), Outeiro do Castelo de Beijós (Senna-Martínez, 2000) e Quinta da Assentada (Valera, 2002-2003). Destes sítios, o que podemos dizer é que nenhum deles apresenta características que nos façam entendê-los como povoados sedentários. Por outro lado, em nenhum deles se encontraram em simultâneo todas as novidades que definiriam o Neolítico. Se tivermos em conta que naqueles que forneceram material osteológico a caça parece continuar a desempenhar um papel

³ Esta adopção selectiva foi primeiramente proposta no âmbito do modelo capilar do investigador Vincent Garcia (1997).

⁴ A datação de tal ocupação é, no entanto, sustentada por uma datação bastante problemática.

fundamental⁵, dificilmente podemos admitir que as espécies domésticas, que se encontram também documentadas, cumpriam um papel económico relevante. Ora, se esse papel não seria económico, qual seria a sua natureza?

Se tivermos em conta a adopção selectiva de que se falava atrás, podemos sugerir que o critério por trás dessa adopção seria mais social que económico. Isto é, adoptava-se o que fosse valorizado socialmente. Em todas as comunidades existem relações de poder (não necessariamente de cariz hierárquico) que sustentam determinada ordem social e reforçam a coesão dos grupos. Ora, estas relações não são estáticas mas altamente voláteis. Particularmente em sociedades sem escrita necessitam de constante negociação e legitimação. As novidades do Neolítico podem ter sido adoptadas com este fito. Um animal domesticado para nós não é nada de especial, mas imagine-se o leitor por momentos num contexto em que a relação com os animais é completamente distinta. Quem fala dos animais, fala também dos conhecimentos técnicos que permitem controlar o crescimento das plantas, fala de recipientes em barro... Por alguma razão, estas primeiras peças são altamente decoradas...

Se estas novidades não vêm em pacote (o “pacote neolítico”, conceito ainda utilizado por vários arqueólogos), a generalização da adopção de cada uma delas é feita a diferentes ritmos ao longo dos milénios que se seguirão...

O IV milénio a.C.

Parte das novidades neolíticas, em particular a cerâmica e a pedra polida devem ter-se generalizado ao longo do V milénio. Uma agricultura incipiente e sem carácter de subsistência devia já ocorrer nos finais desse milénio. A criação de gado pode ter-se incrementado um pouco. As comunidades, contudo, não devem ter-se sedentarizado completamente e a caça/recolocção devia ainda jogar um papel fundamental na economia destas populações. Pese tudo isto, o final deste milénio vê aparecer as primeiras construções arquitectónicas perenes, de tal maneira perenes que chegaram até nós...

Referimo-nos às antas (ou dólmenes). Tratam-se de construções constituídas por grandes esteios de pedra

fincados (daí serem denominados monumentos megalíticos) que apoiados uns sobre os outros definiriam espaços – câmaras – de plantas poligonais, trapezoidais ou circulares, podendo ser fechadas ou abertas. Estas seriam tapadas por uma laje disposta na horizontal. As câmaras podiam ser totalmente fechadas ou abertas, geralmente a leste. Neste último caso poderiam dispor de um corredor ortostático, usualmente mais baixo e estreito que as câmaras e por onde só poderia passar uma pessoa de cada vez. Todas estas construções eram envoltas por um montículo artificial – mamoa ou *tumulus* – que poderia desempenhar uma dupla função: ajudar a levar a pesada tampa para cima da câmara e proporcionar impenhência ao monumento, permitindo a sua visualização por vezes desde grandes distâncias. O acesso a partir da periferia do monumento até à entrada do corredor seria feito através de estruturas de acesso que condicionariam *per se* o número de pessoas que aí se poderiam encontrar; assim, mais perto do exterior encontrava-se o átrio – o mais amplo destes espaços, o que permitiria a presença de mais pessoas em simultâneo; entre este e o corredor ortostático desenvolver-se-ia o corredor intratumular, um espaço menos amplo que o átrio e mais desafogado que o corredor ortostático⁶. Não raras vezes, em particular na Beira, o interior das câmaras e mesmo de alguns corredores seria decorado com pinturas e/ou gravuras de cariz esquemático, mas onde a figura humana também tinha presença e, por vezes, mesmo animais como cervídeos ou cães⁷.

Estes monumentos, como dizíamos acima, começaram a ser construídos nos finais do V milénio a.C., mas nas Beiras é durante a primeira metade do seguinte que se centra a erecção da maior parte. É também durante este período que a maior parte deles é encerrado, mantendo-se alguns abertos ainda na segunda metade, ao mesmo tempo que aparecem outros tipos de construção tumular mais discretos⁸.

⁶ A título de exemplo, podemos referir alguns trabalhos monográficos em que estes espaços se encontram descritos detalhadamente: Madorras (Gonçalves e Cruz, 1994), os monumentos da necrópole da Lameira de Cima (Gomes, 1996), os da necrópole da Senhora do Monte (Carvalho, 2006) ou a Anta de Areita (Gomes *et alii*, 1998). Um especial destaque merece a tese de doutoramento de Domingos Jesus da Cruz onde as escavações de vários monumentos deste tipo são publicadas (Cruz, 2001).

⁷ Quanto à arte megalítica, consulte-se, entre outras obras, Shee, 1981; Bello, 1993; Jorge, 1997; Sanches, 2006.

⁸ Sobre os aspectos cronológicos destes e de outros monumentos com *tumulus*, consultar Cruz, 1995; *idem*, 1998.

⁵ Veja-se o caso do Prazo. Aí a presença do javali, do veado e do coelho parece ser mais representativa que a de ovelha ou cabra (Monteiro-Rodrigues, 2002: 115).

Mas, para que serviriam estes monumentos, de que a anta de Sacaparte (Fig. I) é um excelente exemplo? Primeiro que tudo, serviriam para depositar os corpos dos mortos destas comunidades. Eram depostos nas câmaras com toda uma série de oferendas em torno deles: indústria lítica talhada (lâminas, lamelas, micrólitos, pontas de seta...) e polida (machados, enxós, goivas...), cerâmica, adornos



Fig. I – Dólmen de Sacaparte.

(colares, pendentes, etc.). Várias deposições de material estão documentadas nos restantes espaços que constituíam o monumento, com especial destaque para o átrio, onde as actividades relacionadas com o fogo desempenhariam um papel crucial⁹. Tendo em conta estes aspectos e os outros que falámos atrás relativamente à arquitectura, temos que assumir que a função deste tipo de sítios não se esgotaria na sua vertente funerária. Para compreender essas outras vertentes, talvez seja útil retrocedermos um pouco na nossa narrativa...

Como dissemos atrás, a sedentarização não era ainda plena¹⁰ e a caça/recollecção desempenharia um papel crucial. Como referimos já também, as relações de poder dentro das comunidades primitivas são voláteis e sempre sujeitas a negociação e legitimação. Ora, se aquelas novidades

que nos inícios do V milénio se disseminaram perderam também o seu carácter legitimador potencial de negociação¹¹. Outras formas de legitimação e de negociar o poder são necessárias. Os monumentos megalíticos são estruturas onde provavelmente esse género de negociação e legitimação era conseguido mediante comportamentos altamente ritualizados que envolveriam a manipulação dos corpos, a deposição de materiais, o acesso controlado a determinados espaços (evidentemente, que no átrio caberiam mais pessoas e que a passagem destas para a câmara seria altamente condicionada pelo estreitar das passagens – corredores intratumular e ortostático) e ao conhecimento neles contidos.

Através das relações estabelecidas entre os corpos, determinados materiais e conhecimentos (como a arte presente, usualmente no interior das câmaras) e as pessoas que acediam a elas, criavam-se (e reforçavam-se) as relações entre as pessoas no seio da comunidade. Era através destes dispositivos que cada membro da comunidade saberia qual o seu lugar no seio da mesma. Todas estas relações eram profundamente entranhadas não só devido à própria natureza dos rituais que aí se realizavam, mas também graças a outros aspectos como seriam o impacto que a própria construção e encerramento do monumento deveriam ter nas memórias colectivas das comunidades ou as relações que estes monumentos estabeleceriam com *lugares* relevantes na cosmogonia local onde se implantavam. Em relação ao primeiro aspecto basta ter em conta que a construção do monumento, em particular da mamoa, devia envolver um número razoável de pessoas a trabalharem durante vários dias. O encerramento do próprio monumento seria também por vezes bastante complexo e envolveria mecanismos que permitiam que tal acto fosse lembrado durante bastante tempo¹². Em relação ao segundo aspecto, há que ter em conta que em sociedades de grande mobilidade, sem escrita e onde a arquitectura está muito pouco presente, determinados sítios pelas suas características físicas (grandes relevos,

¹¹ Não nos devemos espantar com o facto das deposições cerâmicas nos monumentos nesta primeira metade do IV milénio serem lisas, caracterizando-se de uma forma geral pela ausência de decoração.

¹² Citemos apenas o caso do dólmen do Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva). Aqui o encerramento do monumento, para além das toneladas de pedra que exigiu, terá ocorrido ao mesmo tempo que um enorme fogo controlado, fogo esse que terá durado pelo menos uma semana, sendo responsável pela vitrificação das lajes em torno da câmara e corredor intratumular (Abrunhosa, Cruz e Gonçalves, 1995).

⁹ A título de exemplo, consulte-se os trabalhos referidos na nota 6.

¹⁰ Por alguma razão, quase não se conhecem sítios de *habitat* datados da primeira metade do IV milénio. Nas Beiras, podemos referir como exemplo, o possível caso das Quebradas (Carvalho, 2003b: 266).

cachões dos rios, ou outros que não chegaram até nós como árvores, por exemplo) ou pela história que trazem consigo (sítios onde ocorreu determinado acontecimento ou existem vestígios de ocupação anterior, por exemplo) desempenham um importante papel não só como referências espaciais mas porque se ligam a narrativas que teriam desempenhado um importante papel na ideia de *Mundo* (ou cosmogonia) destas comunidades¹³. Ora, não poucas vezes os monumentos megalíticos são construídos nestes sítios ou em estreita relação com eles¹⁴.

Por esta altura, ou mesmo um pouco antes, surge outro tipo de monumentos megalíticos – os menires (Gomes, 1994). O que se encontra mais perto do Sabugal corresponde ao do Vale de Maria Pais (Penedono) (Carvalho e Gomes, 1994). Trata-se de uma pedra afeiçoada de forma a tomar uma forma alta e afilada. Originalmente devia encontrar-se fincada no solo. Neste caso, uma das faces encontra-se gravada. A funcionalidade deste tipo de monumentos ainda não se encontra cabalmente esclarecida, mas talvez se possam ligar à marcação desses *lugares* de que falávamos atrás. A forma destas peças parece também correlacioná-las com cultos fálicos ou de fecundidade.

Durante a segunda metade do milénio, como já referimos, parte das antas encontra-se já encerrada, permanecendo abertas algumas de maiores dimensões e mais complexas, que são fechadas apenas por esta altura¹⁵. Ao mesmo tempo outro tipo de estruturas mais discretas começa a pontuar a paisagem (Cruz, 1998: 158). Poucos povoados se conhecem desta altura¹⁶. Contudo, são datadas deste período as primeiras evidências de alguma intensificação agrícola¹⁷.

Se antes se pensava que os monumentos megalíticos só podiam ter sido construídos por comunidades plenamente produtivas, hoje será de supor que foram estas arquiteturas que permitiram uma maior ligação com um território mais limitado e que terá potenciado a sedentarização e o

consequente incremento agro-pastoril¹⁸.

É neste período de mudança, correspondente aos finais do Neolítico que devem aparecer os grandes santuários rupestres como o do Fial (S. Miguel do Outeiro, Tondela) (Santos, 2003). Corresponderiam a sítios cuja funcionalidade se devia prender com mecanismos sociais semelhantes aos que eram desenvolvidos nas antas.

As actividades produtivas incrementam-se, as relações com outros pontos da Península intensificam-se. No dealbar do milénio os cenários onde se negociavam identidades e relações de poder, e onde a coesão das comunidades seria reforçada têm que mudar. Os monumentos megalíticos *per se* já não suprem esse papel. Outros espaços são criados e deles trataremos seguidamente.

O III milénio

O período a que este ponto se reporta e que os arqueólogos denominam Calcolítico está bem representado no concelho do Sabugal. São estes os sítios até agora conhecidos: Sabugal (Perestrelo e Osório, 2005: 211-212), Santa Bárbara (Aldeia da Ponte) (*idem, ibidem*: 212-213) e Carvalheiras (Casteleiro) (Robalo e Osório, 2006).

O primeiro localiza-se no esporão onde se encontra o centro histórico da sede de concelho, mais precisamente na sua vertente leste, a única que não é banhada pelo Côa. De entre os materiais exumados devem destacar-se as cerâmicas penteadas (onduladas e horizontais) (Peças n.º 12 e 13) e com impressões em bandas verticais (Peça n.º 14), um conjunto ceramológico passível de ser paralelizado com o recolhido no Cabeço da Malhoeira de onde vem uma datação cuja calibração nos remete para a primeira metade do III milénio a.C (Oliveira, 1998: 254). Para além do espólio lítico (lâminas de sílex: Peças n.º 4 e 5; uma ponta de seta em quartzo: Peça n.º 2; um peso sobre seixo: Peça n.º 86) deve ainda lembrar-se o achado de um machado de cobre plano (Peça n.º 37) (Vilaça, 1995, 86, CCLVIII), que talvez se possa relacionar com este assentamento (Perestrelo e Osório, 2005: 212). Na verdade, tanto a morfologia como a composição metálica da peça (cobre com impurezas de arsénio e prata)¹⁹ impelem-nos a datar o seu fabrico de uma fase imprecisa entre o Calcolítico Final e o Bronze Inicial. No entanto, dado o valor

¹³ Consultar, entre outros, Tilley, 1994.

¹⁴ Como seria o caso da necrópole da Barragem Marechal Carmona (Idanha-a-Nova), onde alguns dos monumentos que a constituem parecem relacionar-se com o *inselberg* de Monsanto (Santos, 2000).

¹⁵ Um bom exemplo beirão, é o de Castonairas (Cruz, 1998: 158).

¹⁶ O sítio do Ameal no Baixo Mondego (Senna-Martínez, 1994), ou o Tourão da Ramila no Baixo Côa (Carvalho, 2003b: 235-243).

¹⁷ Nomeadamente evidências polínicas, destacando-se as provenientes das colunas efectuadas sob os monumentos de Lameira Travessa (Castro et alii, 1999: 56-62; López, Cruz e Silva, 2001)

¹⁸ Sobre a relação dos monumentos com a progressiva sedentarização das comunidades, consultar Sanches, 2000.

¹⁹ Ver texto seguinte deste catálogo.

metálico da peça, ela pode ter circulado durante mais tempo e ter acabado por chegar ao Sabugal numa fase cronológica mais tardia, ou pode mesmo ter sido produzido mais tarde. Por outro lado, a falta de referências precisas relativas às condições de aparecimento da peça levam-nos a considerar a hipótese de que a alusão ao Sabugal possa ser respeitante à região em geral e não à própria vila²⁰.

O segundo dos sítios referidos localiza-se num imponente relevo que se destaca de sobremaneira na paisagem envolvente (Fig. II). Entre os poucos materiais



Fig. II - Vista do cabeço de Santa Bárbara (Aldeia da Ponte).

recolhidos refiram-se os fragmentos de cerâmica manual com decoração penteada ondulada (Peças n.ºs 10 e 11), uma conta de colar em cerâmica (Peça n.º 36) e os machados polido sobre grauaque (Peças n.ºs 24 e 26). Os materiais exumados não permitem maior precisão cronológica que a inclusão da estação neste milénio (Perestrelo e Osório, 2005: 212-213).

O último dos sítios localiza-se numa chã pouco elevada delimitada por vários afloramentos graníticos na encosta norte da serra de Arnes/serra da Presa, debruçando-se sobre a ribeira do Casteleiro. O sítio foi escavado, tendo-se detectado vários buracos de poste que deviam sustentar habitações construídas com materiais perecíveis; outras estruturas negativas foram também identificadas, sendo que algumas destas podem corresponder a fornos cerâmicos (Fig. III). Entre o espólio, destaca-se a cerâmica maioritariamente lisa (as excepções correspondem a dois fragmentos com cordão plástico e a um outro com pega horizontal: Fig. IV), os



Fig. III - Estrutura negativa de combustão.

geométricos de quartzo e as lamelas e lascas retocadas de sílex (Peça n.º 8). Uma datação radiocarbónica efectuada sobre amostra recolhida durante a escavação situa-a com grande probabilidade na metade do milénio (mais precisamente, 94% de probabilidade a 2 sigma)²¹ (Robalo e Osório, 2006).

A primeira observação que devemos fazer é que não podemos avaliar com segurança a contemporaneidade destes

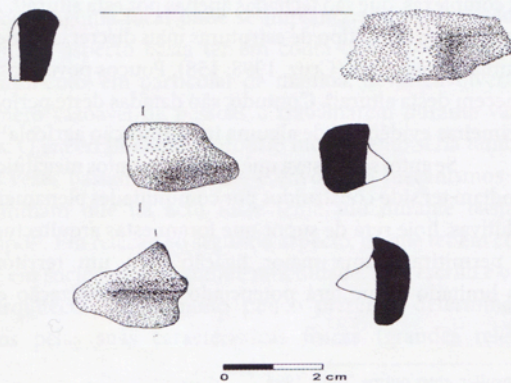


Fig. IV - Fragmentos cerâmicos decorados das Carvalheiras (Casteleiro).

²⁰ Este aspecto é aliás algo que será de ter ainda mais conta quando se verifica que o ofertante da peça ao MNA (Diogo Lopes) era do Souto.

²¹ Sac-1944: 4030 ± 50 BP (Robalo e Osório, 2006: 213, nota 2). Calibração a um sigma: 2616 AC (1%); 2580-2481 AC (99%). Calibração a dois sigma: 2835-2817 AC (3%); 2665-2644 AC (3%); 2639-2468 AC (94%). Calibração feita com Calib ver. 5.1 que utiliza a curva Intcal04.14c. Quanto à calibração, consultar Stuiver *et alii*, 1993.

sítios. A segunda é, que no âmbito de uma análise mais global podemos referir que os três sítios se encontram em contextos orográficos bastante diferentes, existindo pelo menos a possibilidade de se terem explorado diferentes ambientes, o que vem ao encontro de uma ideia já defendida, para o Baixo Mondego (Valera, 2000b), a saber: a diversificação do povoamento. Esta diversificação deve compreender-se num contexto de maior intensificação económica, advinda da maior sedentarização das populações. Mesmo em sítios como o das Carvalheiras, não denotando as estruturas exumadas uma ocupação permanente, demonstram já a existência de estruturas cujo “custo de realização [...] obrigava a que se efectuasse a sua constante reutilização, a partir de uma estratégia de ocupação recorrente destes assentamentos (Robalo e Osório, 2006: 213). Em estações coevas do Baixo Côa como o Barrocal Tenreiro foram identificadas estruturas negativas que parecem relacionar-se com o armazenamento de cereais (Carvalho, 2003: 250-261), demonstração evidente de que o índice de deslocação das populações seria muito menor. Outros sinais de intensificação económica do período são determinados materiais (as queijeiras, por exemplo) que atestam o aproveitar de proteínas animais não a partir da ingestão da carne mas do leite e seus derivados. Inovações que datam deste período são a tecelagem (atestada pelos pesos de tear: Peça n.º 35) e a metalurgia do cobre (como ficou subentendido pela referência ao machado do Sabugal: Peça n.º 37).

Quanto ao mundo dos mortos, na primeira metade do milénio começam a aparecer novas sepulturas, de que a cista do Vale da Cerva (Vila Nova de Foz Côa) é exemplo paradigmático (Cruz, 1998: 160). Na segunda metade do milénio, em particular nos seus finais, quando os vasos campaniformes atingem a Beira, são construídas outras sepulturas sob *tumulus* mas mais discretas que as megalíticas. Um bom exemplo é o monumento I do Rapadouro (Vila Nova de Paiva) (Cruz, 1998: 162). Por esta altura volta-se a inumar nos monumentos megalíticos, como está demonstrado pelo aparecimento dos vasos campaniformes e outros materiais (alabardas, braçais de arqueiro, etc.)²². Contudo, uma vez que as entradas se encontravam já obstruídas e a memória daquelas encontrava-se já perdida, normalmente entravam por outro sítio que não pelos acessos originais. Se bem que

alguns dos monumentos construídos de raiz denotem ainda alguma complexidade, esta não se compara à dos dólmenes clássicos. Como dissemos atrás, outros espaços foram criados onde se negociam identidades individuais e colectivas, se negociam relações de poder e mesmo, muito possivelmente se negocia ao nível intercomunitário (trocas de objectos e pessoas, nomeadamente nubentes, negociações de âmbito territorial, etc.)²³.

Referimo-nos aos recintos murados, de que são exemplos paradigmáticos os sítios de Castelo Velho (Vila Nova de Foz Côa)²⁴, Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa)²⁵, Fraga da Pena (Fornos de Algodres) (Valera, 1997a) ou o Castro de Santiago (Valera, 1997b). Até ver nenhum sítio deste tipo foi identificado no concelho do Sabugal, a não ser que sob os sedimentos de Santa Bárbara se encontrem algumas surpresas. No entanto, não muito longe, o Alto do Castelo (Pinhel) parece corresponder a um deles (Perestrelo, 2000; Perestrelo e Osório, 2005: 208). Estes sítios, encarados por muitos investigadores como fortificações, foram entretanto reavaliados, pensando nós, que devem antes ser encarados como “construtores de identidades” (Valera, 2000: 156-157) ou “congregador[es] das populações, polarizador[es] de negociações intercomunitárias” (Jorge, 2002: 162). A tais inferências impelem-nos os locais onde se implantam (em sítios de ampla visibilidade, por vezes em posição de destaque na paisagem), as próprias arquitecturas dos mesmos, as deposições que aí se identificam (de recipientes e fragmentos de cerâmica, de ossos de animais e de humanos, de sementes, de pesos de tear, etc.) e de determinadas actividades documentadas, como o consumo de ópio em Castelo Velho. O aparecimento de materiais de excepção como é o caso de uma folha em ouro no Castelo Velho (Velho *et alii*, 2005: 77) ou a elevada concentração de recipientes campaniformes na Fraga da Pena (Valera, 2000c) também nos direccionam nesse sentido.

Parte destes sítios prolongam-se pelo milénio seguinte, já pela denominada Idade do Bronze. Vejamos no ponto seguinte que mais podemos dizer sobre esse período na região que nos ocupa.

²² Sobre a problemática em torno destes sítios, consultar Jorge (coord.), 2003.

²⁴ É muito vasta a bibliografia sobre Castelo Velho. Remetemos o leitor para Jorge, 2002, onde encontrará outra bibliografia.

²⁵ A mesma situação referida na nota anterior. Deste modo, remetemos o leitor apenas para Jorge *et alii*, 2003.

²² Para alguns exemplos da Beira Alta, consultar Gomes e Carvalho, 1993.

Ao nível da arte, pensamos, no seguimento de outros autores, que é ao longo deste milénio que se pode situar o apogeu da arte esquemática, pintada e gravada (Santos, 2003: 91). Se bem que a área de expansão desta manifestação artística seja fundamentalmente o interior da Península, não faltam alguns exemplos na região em causa, destacando-se, desde logo, algumas rochas e abrigos do Vale do Côa (Baptista, 1999: 158-166) ou no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

O Bronze Inicial e Médio

Como se disse atrás, os recintos murados prolongam-se por este período, como atestam os materiais neles exumados. Para além destes sítios, conhecemos outros não cercados e que mais directamente se podem relacionar com actividades de carácter habitacional que valerá a pena lembrar. Do Bronze Antigo, é de referir, porque foi alvo de escavações, o povoado do Fumo (Vila Nova de Foz Côa) (Carvalho, 2004). Do Bronze Médio conhecem-se Santa Eufémia (Vila Nova de Foz Côa) (Pereira, 1999: 54) e, eventualmente, Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Pinhel) (Perestrelo, 2001) e Castelo Mau (Almeida) (Perestrelo, 2001: 138). Já na Bacia do Mondego será de destacar a sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão (Senna-Martínez, 1993).

Ao nível funerário, podemos distinguir duas situações: por um lado, a reutilização dos monumentos megalíticos ou de outros de cronologia posterior (Cruz, 1998: 162); por outro lado, a construção de monumentos que se caracterizam pela discrição e pouca volumetria. Do Bronze Antigo refira-se o monumento 2 da serra da Muna (Cruz, Gomes e Carvalho, 1998a). Dos finais do Bronze Médio / inícios do Bronze Final, destaque-se a necrópole da Casinha Derribada (Cruz, Gomes e Carvalho, 1998b).

Ao nível da arte, algumas manifestações rupestres poderão ser integráveis numa data imprecisa da Idade do Bronze, como poderá ocorrer com a laje da Travessa das Escadas em Vilar Maior (Fig. V). Esta laje granítica disposta na horizontal apresenta um repertório figurativo dominado por uma forma subquadrangular reticulada, à volta da qual se dispõem várias linhas meandriformes, uma figuração semelhante a uma suástica, um par de cascos de ungulados, covinhas e outros motivos de carácter geométrico e cuja descrição ultrapassa os objectivos deste texto.



Fig. V - Laje historiada de Vilar Maior.

De cronologia mais precisa, serão as estátuas-menires que começam a difundir-se neste período. Na região, destaquemos os exemplos do Bronze Antigo de Longroiva (Meda) (Almagro, 1966: 108-109) ou A-de-Moura (Guarda) (Silva, 2000) (Fig. VI) e a estátua de Ataúdes, já inserível no Bronze Médio (Vilaça *et alii*, 2001). Da região de Fornos de Algodres, temos ainda notícia de um possível recinto de estelas, cuja cronologia não se encontra ainda precisada (Valera, 2000b: 155, nota 4).

Em resumo, podemos dizer que pese algumas mudanças ao nível do registo arqueológico (novos materiais cerâmicos e metálicos, com destaque para o aparecimento de objectos de bronze; novas manifestações rupestres; disseminação da proto-estatuária; novas construções tumulares), os primeiros tempos da Idade do Bronze denotam uma grande continuidade estrutural em relação ao período anterior. Obviamente que tal continuidade pode ser sugerida pela escassez de dados, razão mais que suficiente para que se desenvolvam projectos de investigação que permitam aferir as considerações que atrás tecemos...



Fig. VI – Estátua-menir da A-de-moura (Santana de Azinha, Guarda).

Bibliografia

- ABRUNHOSA, Manuel João; GONÇALVES, A. Huet de Bacelar e CRUZ, Domingos J. da (1995) - Ocorrência de rochas vitrificadas no dólmen do “Picôto do Vasco” (Vila Nova de Paiva, Viseu), *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 3, p. 167-185.
- ALMAGRO GORBEA, Martin J. (1966) - Las Estelas decoradas del Suroeste peninsular, *Biblioteca Praehistorica Hispana*, Madrid, VIII.
- AUBRY, Thierry (2001) - L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. In ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry e CARVALHO, António Faustino, eds. - *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique* (Actes du Colloque de la Comissão VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22-24 Octobre 1998), *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa, 17, p. 253-273.
- AUBRY, Thierry; LUIS, Luís e SAMPAIO, Jorge David (2007) - Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa), *Almadan*, Almada, 14, p. 48-52.
- AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Xavier; SAMPAIO, Jorge David e SELLAMI, Farid (2002) - Open-air rock-art, territories and modes of exploitation during the Upper Palaeolithic in the Côa Valley (Portugal), *Antiquity*, York, 76, p. 62-76.
- AUBRY, Thierry; MANGADO, Xavier; FULLOLA, Josep Ma; ROSELL ORTIZ, Laura e SAMPAIO, Jorge David (2004) - The Raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal): new data concerning modes of resource exploitation in Iberia. In SMYNTYNA, Olena V. (ed.) - *The Use of Living Space in Prehistory*. Papers from a session held at the European Association of Archaeologists. Sixth Annual Meeting in Lisbon 2000, Oxford, Archaeopress [BAR International Series, 1224], p. 37-50.
- BAPTISTA, António Martinho (1981) - *A rocha F-155 e a origem da Arte do Vale do Tejo*. Porto: GEAP [Monografias Arqueológicas, 1].
- BAPTISTA, António Martinho (1999) - *No Tempo sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: CNART e PAVC.
- BAPTISTA, António Martinho (2001) - Ocreza (Evendos, Mação, Portugal Central): Um Novo Sítio com Arte Paleolítica de Ar Livre. In CRUZ, Ana Rosa e

- OOSTERBEEK, Luiz (ed.) - *Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II – Santa Cita e o Quaternário da Região*, Tomar, [Arkeos, 11], p. 163-192.
- BAPTISTA, António Martinho (2004) - Arte Paleolítica de Ar Livre no Rio Zêzere (Barroca, Fundão), *Ebvrobriга*, Fundão, 1, p. 9-16.
- BAPTISTA, António Martinho e GARCÍA DÍEZ, Marcos (2002) - L'Art Paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal). La Symbolique dans l'Organisation d'un Sanctuaire de Plein Air. In SACCHI, Dominique (dir.), *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image* (Tautavel, Campôme, 7 - 9 octobre 1999), Carcassonne: GAEP & GÉOPRÉ, p. 187-205.
- BAPTISTA, António Martinho e GOMES, Mário Varela (1997) - Arte Rupestre. In ZILHÃO, João (coord.) - *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura, p. 213-406.
- BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás e CORREIA, Dalila (2006) - Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/ Quinta da Barca, *Côavisão*, Vila Nova de Foz Côa, 8, p. 156-184.
- BELLO DIÉGUEZ, José Maria (1994) - Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabana, LA Coruña). ¿Grupo de Viseu o grupo Noroccidental? Aspectos taxonomicos y cronologicos. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov. 1992)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], p. 287-304.
- CARVALHO, António Faustino (1999) - Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinhã (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 2:1, p. 39-69.
- CARVALHO, António Faustino (2003a) - A emergência do Neolítico no actual território português: pressupostos teóricos, modelos interpretativos e evidência empírica, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 4:21, p. 65-150.
- CARVALHO, António Faustino (2003b) - O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 6:2, p. 229-273.
- CARVALHO, António Faustino (2004) - O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 7:1, p. 185-219.
- CARVALHO, Pedro Sobral de (2006) - *A necrópole megalítica da Senhora do Monte (Penedono-Viseu)*. Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 12].
- CARVALHO, Pedro Sobral de e GOMES, Luís Filipe Coutinho (1994) - O menir do Vale de Maria Pais (Antas, Penedono) Notícia preliminar. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov. 1992)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], p. 367-377.
- CASTRO, Ana Sampaio; SILVA, António José Marques; SEBASTIAN, Luís Carlos; GINJA, Mónica; DIAS, Vítor; FIGUEIREDO, Fernando Pedro; CATARINO, Lídia e ARGANT, Jean (1999) - Trabalhos de escavação arqueológica realizados no monumento 1 da "Lameira Travessa" (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu), *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 7, p. 37-64.
- CRUZ, Domingos J. da (1995) - Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 3, p. 81-119.
- CRUZ, Domingos J. da (1998) - Expressões funerárias e cultuais no Norte da Beira Alta (V - II milénios a. C.). In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 6], p. 149-166.
- CRUZ, Domingos J. da (2001) - *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história recente*, 2 volumes, Coimbra: FLUC (dissertação de doutoramento, policopiada).
- CRUZ, Domingos J. da; GOMES, Luís Filipe Coutinho e CARVALHO, Pedro Sobral de (1998a) - Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 6], p. 375-395.
- CRUZ, Domingos J. da; GOMES, Luís Filipe Coutinho e CARVALHO, Pedro Sobral de (1998b) - O grupo de tumuli da "Casinha Derribada" (concelho de Viseu), *Conímbriga*, Coimbra, 37, p. 5-76.
- GOMES, Luís Filipe Coutinho (1996) - *A necrópole megalítica da "Lameira de Cima" (Penedono, Viseu)*.

- Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 4]
- GOMES, Luís Filipe Coutinho e CARVALHO, Pedro Sobral de (1993) - Novos elementos sobre o vaso campaniforme na Beira Alta, *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 1, p. 29-49.
- GOMES, Luís Filipe Coutinho, CARVALHO, Pedro Sobral de, PERPÉTUO, João Miguel André e MARRAFA, Carmo (1998) - O dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu). In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 6], p. 33-93.
- GOMES, Mário Varela (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português. Trabalhos recentes e estado da questão. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov. 1992)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], p. 171-232. pp. 317-342.
- GONÇALVES, A. Huet de Bacelar e CRUZ, Domingos J. da (1994) - Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real). In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov. 1992)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], p. 171-232.
- JORGE, Susana Oliveira (1999) - *Domesticar a Terra*. Lisboa: Gradiva [Colecção Trajectos, 45].
- JORGE, Susana Oliveira (2002) - Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal, *Revista Estudos/Património. Ciências e técnicas aplicadas ao Património*, Lisboa, 3, p. 145-164.
- JORGE, Susana Oliveira (coord.) (2003) - *Recintos murados da Pré-história Recente*. Porto-Coimbra: DCTP-FLUP/CEAUCPFCT.
- JORGE, Vítor Oliveira (1991) - Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 31, p. 181-184.
- JORGE, Vítor Oliveira (1997) - Questões de interpretação da arte megalítica, *Trabalhos Eventuais*, Porto, 6
- JORGE, Vítor Oliveira (1997) - Questões de interpretação da arte megalítica. In *Actas del III Coloquio del Arte Megalítico* [Brigantium, 10], p. 47-65
- JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; JORGE, Susana Oliveira; SANCHES, Maria de Jesus; SILVA, Eduardo Jorge Lopes; SILVA, Margarida Santos e CUNHA, Ana Leite (1988) - O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Notícia preliminar, *Arqueologia*, 18, p. 109-130.
- JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003) - Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal - recent research (1998 - 2002), *Journal of Iberian Archaeology*, Porto, 5, p. 137-161.
- LEROI-GOURHAN, André; DELLUC, Brigitte e DELLUC, Gilles (1995) - *Préhistoire de l'art occidental*. Paris. Citadelles et Mazenod.
- LÓPEZ SÁEZ, José Antonio; CRUZ, Domingos J. da e SILVA, António José Marques (2001) - Monumento 2 de Lameira Travessa (Vila Nova de Paiva, Viseu) - Resultados das análises polínicas, *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 9, p. 29-55.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2000) - A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão - Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares. In *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. III], p. 149-168.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2002) - Estação Pré-histórica do Prazo - Freixo de Numão - Estado actual dos conhecimentos, *Côavisão*, Vila Nova de Foz Côa, 4, p. 113-126.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2003) - Comentário ao artigo: "A emergência do Neolítico no actual território português: pressupostos teóricos, modelos interpretativos e a evidência empírica" de Carvalho, A. F., *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 4:21, p. 118-125.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio e ANGELUCCI, Diego E. (2004) - New data on the stratigraphy and chronology of the prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7: 1, Lisboa, p. 39-60.
- OLIVEIRA, Ana Cristina (1998) - O povoado pré-histórico do Cabeço da Malhoeira (Benquerença, Penamacor). In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 6], p. 243-257.
- PEREIRA, Leonor (1999) - *As cerâmicas "Cogeces" de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)*. O seu enquadramento peninsular. Porto: FLUP (dissertação

- de mestrado, policopiada).
- PERESTRELO, Manuel Sabino (2000) - O povoado calcolítico do Alto da Castelo (Pinhel). In FERREIRA, Maria do Céu; PERESTRELO, Manuel Sabino; OSÓRIO, Marcos e MARQUES, António Augusto (eds.) - *Beira Interior: História e Património: Actas das I Jornadas do Património da Beira Interior. Guarda, 1-3 de Outubro de 1998*, Guarda: Câmara Municipal, p. 15-30.
- PERESTRELO, Manuel Sabino (2001) - A Idade do Bronze no Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Pinhel), *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 9, p. 133-142.
- PERESTRELO, Manuel Sabino e OSÓRIO, Marcos (2005) - Pré-História recente na região da Guarda – Alguns subsídios [Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior], *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7, p. 207-231.
- ROBALO, Elisabete e OSÓRIO, Marcos (2006) - Achegas para o estudo do povoamento calcolítico na Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal), *Côavisão*, Vila Nova de Foz Côa, 8, p. 205-226.
- SANCHES, Maria de Jesus (2000) - As gerações, a memória e a territorialização em Trás-os-Montes (V.º-II.º Mil. aC). Uma primeira aproximação ao problema. In *Pré-história Recente da Península Ibérica*, Porto: ADECAP, [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV], p. 123-145.
- SANCHES, Maria de Jesus (2006) - Passage-graves of Northwestern Iberia: Setting and movements. An approach to the relationship between Architecture and Iconography. In JORGE, Vítor Oliveira; CARDOSO, João Muralha; VALE, Ana Margarida; VELHO, Gonçalo Leite e PEREIRA, Leonor Sousa (eds.) - *Approaching "Prehistoric and Protohistoric Architectures" of Europe from a "Dwelling perspective"*. Porto: ADECAP [Journal of Iberian Archaeology, 8].
- SANTOS, André Tomás (2000) - O megalitismo da área da barragem Marechal Carmona (Concelho de Idanha-a-Nova): uma análise espacial. In *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. III], p. 413-422.
- SANTOS, André Tomás (2003) - *Uma Abordagem Hermenêutica – Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta. O caso do Fial (Tondela, Viseu)* [Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Porto.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (1993) - A ocupação do Bronze Pleno da sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão. In *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, Lisboa: Colibri, p. 55-75.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (2000) - O Castro do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal). In *Por Terras de Viriato, Catálogo da Exposição "Arqueologia na região de Viseu"*, p. 144-145.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos (1994) - Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do médio e alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP). In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov. 1992)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], p. 15-29.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos e ESTEVINHA, Isabel (1994) - O sítio de habitat das Carriceiras (Carregal do Sal), Notícia preliminar. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov. 1992)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], p. 55-61.
- SHEE, E. (1981) - *The megalithic art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.
- SILVA, Marcos Daniel Osório da (2000) - Estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda, *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 8, p. 229-236.
- SOARES, Joaquina e SILVA, Celso Tavares da (2003) - A transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa. In *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Lisboa: IPA [Trabalhos de Arqueologia, 16], p. 45-56.
- STUIVER, Minze; REIMER, Paula J.; BARD, Edouard; BECK, J. Warren; BURR, George S.; HUGHEN, Konrad A.; KROMER, Bernd; McCORMAC, Gerry, van der PLICHT; Joahannes e SPURK, Marco (1998) - INTCAL98 Radiocarbon age calibration 24,000-0 cal BP, *Radiocarbon*, 40, p. 1041-1083.
- TILLEY, Christopher (1991) - Claude Lévi-Strauss: Structuralism and beyond. In TILLEY, Christopher (ed.) - *Reading Material Culture*. Oxford and Cambridge: Basil Blackwell, p. 3-81.
- TILLEY, Christopher (1994) - *A Phenomenology of*

- Landscape*. Oxford / Providence: Berg.
- VALERA, António Carlos (1997a) - Fraga da Pena (Sobral Pichorro, Fornos de Algodres): Uma primeira caracterização no contexto da rede local de povoamento, *Estudos pré-históricos*, Viseu, 5, p. 55-84.
- VALERA, António Carlos (1997b) - *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres - Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego*. Lisboa: CMFA [Textos Monográficos, vol. I].
- VALERA, António Carlos (1998) - A neolitização da bacia interior do Mondego. In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*, Viseu: CEPBA [Estudos Pré-históricos, 6], p. 131-148.
- VALERA, António Carlos (2000a) - O sítio arqueológico da Quinta do Soito no contexto do povoamento do Neolítico Antigo da Bacia interior do Mondego, *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 8, p. 5-17.
- VALERA, António Carlos (2000b) - Pensar o Tempo: Critérios para uma periodização da Pré-história recente da bacia interior do Mondego. In *Pré-história Recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV], p. 147-160.
- VALERA, António Carlos (2000c) - O Fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da Fraga da Pena. In *Pré-história Recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV], p. 269-282.
- VALERA, António Carlos (2002-2003) - Problemas da neolitização na bacia interior do Mondego. A propósito de um novo contexto: A Quinta da Assentada, Fornos de Algodres, *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 10-11, p. 5-29.
- VELHO, Gonçalo Leite; VARELA, José Manuel; BAPTISTA, Lídia; OLIVEIRA, Maria de Lurdes; GOMES, Sérgio e JORGE, Susana Oliveira (2005) - O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): Reflexões sobre fases e contextos, *Cóavisão*, Vila Nova de Foz Côa, 7, p. 69-80.
- VICENT GARCÍA, Juan Manuel (1997) - The island filter model revisited. In BALMUTH, Miriam S.; GILMAN, Antonio e PRADOS TORREIRA, Lourdes (eds.) - *Encounters and transformations. The Archaeology of Iberia in transition*, Sheffield: Academic Press, [Monographs in Mediterranean Archaeology, 7], p. 1-13.
- VILAÇA, Raquel (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, 2 volumes. Lisboa: IPPAR [Trabalhos de Arqueologia, 9].
- VILAÇA, Raquel; CRUZ, Domingos J. da; SANTOS, André Tomás e MARQUES, João Nuno (2001) - A estátua-menir de "Ataúdes" (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional, *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 9, p. 69-82.
- ZILHÃO, João (1997) - Súmula dos Resultados Científicos. In ZILHÃO, João (coord.) - *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, p. 13-37.
- ZILHÃO, João (1998) - A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1:1, Lisboa, p. 27-44.